

COMO CITAR ESTE TEXTO:

Formato Documento Eletrônico (ISO)

NASCIMENTO, Alexandre do. **Educação e Cidadania**. [Acesso em dd/mm/aaaa]. Disponível em <http://www.alexandrenascimento.com>.

EDUCAÇÃO E CIDADANIA

Alexandre do Nascimento

Eu tenho até me esforçado, a nível de análise, a nível de reflexão, a nível de indagação, para ver se encontro, por exemplo, no educativo, algo que seja tão especificamente educativo que não tenha nada que ver com o político, só que nunca achei.

Paulo Freire

A questão da formação do cidadão é um dos maiores desafios da educação. É um desafio ainda maior aos grupos populares que investem na educação como prática política de emancipação humana e transformação das relações sociais.

Em nossa sociedade, teoricamente todos as pessoas gozam das mesmas liberdades e oportunidades e dos mesmos direitos, todos são *iguais perante a lei*. Isso quer dizer que todos os brasileiros são cidadãos. Ora, numa sociedade de tamanhas desigualdades, marcada pela injustiça, pela ausência de compromisso das instituições públicas com a maioria da população, pela negação de direitos, pela discriminação histórica, pode-se facilmente observar a proclamada igualdade não é concreta.

Trata-se de uma cidadania falsa e de uma falsa equidade que esconde a ausência de cidadania, que se explicita nos mais de 30 milhões de brasileiros famintos, nos milhões de analfabetos, no clientelismo, no assistencialismo, na impunidade, na forma desigual com que indivíduos e instituições tratam as mulheres, os homossexuais, os nordestinos, os indígenas e os descendentes de africanos, na falta de interesse da população - especialmente de estudantes e educadores - pelos assuntos públicos, na indiferença e insensibilidade com que tratamos questões como violência, discriminação e miséria.

O dicionário *O Globo* (p. 224), define cidadania como ***Qualidade daquele que goza dos direitos civis e políticos do Estado***. Nesta definição a cidadania é pertencimento a um Estado, que através de suas leis, *dá ao indivíduo um status jurídico, ao qual se ligam direitos e deveres particulares* (Canivez, 1991, p. 15). Pode-se notar, ainda, que nessa definição de cidadania a subordinação dos indivíduos aos direitos concedidos pelo Estado e elaborados pelos "representantes do povo" nos poderes judiciário, legislativo e executivo.

Qual deve ser, então, as tarefas de uma educação para a cidadania?

Uma educação para a cidadania deve caminhar em um horizonte político onde a realidade social, suas relações e contradições sejam elementos de análise crítica, deve relacionar conhecimento ao processo de pertencimento e exclusão social, deve ser tecnicamente competente e ter uma clara opção de classe. Uma educação para deve buscar a formação de um sujeito conhecedor de sua história, crítico, ousado, solidário, autônomo e criativo.

Para Ferreira (1993), *"a educação para a cidadania passa por ajudar o educando a não ter medo do poder do Estado, a aprender a exigir dele... e, finalmente, a não ambicionar o poder como forma de subordinar os semelhantes. Esta pode ser a cidadania crítica que almejamos. Aquele que esqueceu suas utopias, sufocou suas paixões e perdeu a capacidade de se indignar diante de toda e qualquer injustiça social não é um cidadão, mas também não é um marginal. É apenas um nada que a tudo nadifica."*

Se essa é a perspectiva da educação, o educador possui um papel fundamental. Que papel seria esse?

Nós, educadores por profissão, estamos sempre, em nossos encontros, seminários, congressos e publicações, discutindo os problemas relativos à educação, seja em seus aspectos filosóficos ou pedagógicos. Vários trabalhos apresentam soluções alternativas e, apesar disso, continuamos a obedecer as regras do mesmo modelo que questionamos. Gadotti (1992), coloca que *"o intelectual pensa ser esperto, mas de modo geral o sistema vigente é ainda mais. O sistema descobriu também que a crítica sem prática lhe serve muito, pois incute a idéia de democracia das idéias. É muito bom que exista o crítico, desde que não seja prático, porque com isto o sistema pode apregoar que não reprime quem tem idéias opostas."*

Sabemos que existe um projeto de empresariamento da educação e as vezes nos sentimos impotentes para lutar contra ela. Vários são os fatores que dificultam a nossa luta, como a baixa remuneração e as precárias condições de trabalho oferecidas pelos estabelecimentos de ensino. É muito difícil, por exemplo, trabalhar com um educando que vai para sala de aula com o pensamento que estudar é apenas um sacrifício necessário à ascensão profissional, sem estar preocupado com o conhecimento e com as discussões políticas e sociais, com os aspectos humanos daquilo que está estudando. O nosso trabalho em sala de aula é também uma luta contra a manipulação de comportamentos e desejos, promovida pelas várias instituições que nos atravessam (família, religião, escola, partido, a mídia, o Estado).

Guattari (1987), nos fala de dois tipos de luta: molares e moleculares. As lutas molares, são aquelas ao nível das grandes organizações e movimentos. As lutas moleculares ou as micro-revoluções são as lutas das minorias, dos pequenos grupos, são as intervenções que podemos fazer no nosso cotidiano. Entretanto, o molar e o molecular devem estar articulados. Ou seja, a luta por democracia e por respeito às pessoas, se faz nas ruas, nas reivindicações, nas denúncias, na construção coletiva de propostas, mas também se faz com mudanças de posturas, na insistência em ser diferente e solidário ao outro, nas ações em sala de aula.

Falando especificamente sobre o papel da educação, podemos dizer que não é a escola sozinha que vai transformar a sociedade. Mas a educação nós dá a possibilidade

importante e fundamental de trabalhar com a formação, a construção de consciência crítica e com a possibilidade de desenvolvimento de autonomia individual e coletiva. É uma brecha que o sistema nos deixa e que devemos utilizar com criatividade e compromisso político com a democracia e com a vida. Nessa brecha podemos atuar explicitando e elucidando conflitos e contradições sociais, contextualizando politicamente os conteúdos, refletindo sobre as funções sociais, as possibilidades e perigos de um determinado conhecimento.

A reinvenção do sistema de educação precisa de um pouco mais de coragem de todos aqueles que trabalham com educação. Coragem para questionarmos as instituições (inclusive a instituição cotidiana), para inovar nossos métodos, para não nos tornarmos escravos de planejamentos, regras de ensino-aprendizagem, modismos pedagógicos e parâmetros curriculares, cujo objetivo é escamotear a relação entre política e pedagogia, esconder os conflitos, etc. Devemos ter coragem de assumir a opção ética pela democracia e pelo lugar do qual falamos, pelo nosso lugar de classe, de gênero, de região, de etnia. Devemos abrir espaços para que criatividade do educando se manifeste, e não apenas nos deixarmos capturar pelas necessidades do mercado, do neoliberalismo e da globalização criminosa, discriminatória e insensível que ora estamos assistindo proliferar no mundo e nas cabeças das pessoas. Coragem para intervirmos em nós mesmos e sermos instituintes ao nosso próprio atuar. Ousar em ser diferente, em fazer uma educação diferente, é necessário e fundamental para um processo de transformação a partir "dos de baixo".

A educação não é o único, mas o principal elemento de transformação da sociedade. Por isso, qualquer projeto de transformação social deve ter em seu bojo um projeto de educação, que proclame transformação da instituição educativa em uma instituição democrática e cidadã. Para isso, é fundamental que o educador esteja implicado afetiva e politicamente, embutindo em seu trabalho estratégias de questionamento e transformação da realidade educacional em que estamos inseridos, buscando fazer com que seus conteúdos e técnicas, sejam eles quais forem, privilegiem o raciocínio lógico e reflexão constante, ajudando o educando ler criticamente o mundo, de modo que ele perceba, por exemplo, a relação do discurso de uma vida saudável com a indústria de vitaminas, do roubo de um par de tênis com a propaganda do mesmo tênis na TV, da norma culta da língua e da tecnologia com a exclusão social, do uso pejorativo da palavra "negro" com o racismo, entre outros.

Enfim, podemos dizer que o papel da Instituição Educativa - principalmente a do educador - é ajudar o educando a desenvolver sua própria autonomia, a tornar-se Cidadão. Ser um Cidadão é não ter medo de transformar, é ser questionador, é ser consciente do seu compromisso profissional, é não perder-se enquanto ser desejante, criativo e interventor, é indignar-se diante da injustiça, é não ter medo de aventurar-se pela preservação da vida.